

NOTAS E PARALLELOS FOLKLORICOS

II — As doze palavras retornadas

1

a) Na *Romania*, III, 269-273 (Paris, 1874) colligi diversas versões da oração chamada de S. Cypriano ou de S. Custodio, a que o nosso povo attribue tantas virtudes e que é vulgar em toda a Europa com outros nomes.

b) Mais tarde dei na *Renascença*, I, 47, a seguinte versão colhida na Foz-do-Douro :

- Simão amigo meu.
- Simão sim, amigo teu, não.
- Das doze palavras
Ditas e retornadas
Dize-me a primeira.
- A primeira é a casa de Jerusalem,
D'onde Nosso Senhor Jesus Christo
Morreu por nós, amen.
Simão, etc.
- Dize-me as duas.
- As duas são as duas taboas de Moysés
Onde Nosso Senhor Jesus Christo
Botou seus divinos pés.
- Simão, etc.
- Dize-me as tres.
- As tres são as tres pessoas
Da Santissima Trindade.
- Simão, etc.
- Dize-me as quatro.
- As quatro são os quatro evangelistas.
- Simão, etc.
- Dize-me as cinco.
- As cinco são as cinco chagas
De Nosso Senhor Jesus Christo.
- Simão, etc.
- Dize-me as seis.
- As seis são os seis cirios bentos.
- Simão, etc.
- Dize-me as sete.
- As sete são os sete sacramentos.
- Simão, etc.
- Dize-me as oito.

—As oito são as oito bemaventuranças.

—Simão, etc.

Dize-me as nove.

—As nove são os nove mezes.

—Simão, etc.

Dize-me as dez.

—As dez são os dez mandamentos.

—Simão, etc.

Dize-me as onze.

—As onze são as onze mil virgens.

—Simão, etc.

Dize-me as doze.

—As doze são os doze apóstolos.

Doze raios tem o sol,
Doze raios tem a lua;
Estoira, d'ahi diabo,
A alma é minha, não é tua.

2

A seguinte versão, do lugar dos Trovões, bispado de Coimbra, foi-me offerecido pelo meu amigo e collega G. de Vasconcellos Abreu, professor de sanscrito no Curso superior de letras.

Custodio, amigo meu, dize-me lá uma.

Custodio sim, amigo teu não; a uma eu t'a direi.

A uma é a Santa Casa de Jerusalem, onde Jesu-Christo nasceu e morreu por nós, amen!

Custodio, amigo meu, dize-me as duas.

Custodio sim, amigo não, as duas eu t'as direi.

As duas são as taboinhas de Moysés, onde J. C. poz os seus SS. pés.

Custodio, etc.

As tres são as tres pessoas da Santissima Trindade, Padre, Filho e Espirito Santo.

Custodio, etc.

As quatro são os quatro novissimos do Homem.

Custodio, etc.

As cinco são as cinco chagas de Christo.

Custodio, etc.

As seis são os seis cirios bentos.

Custodio, etc.

As sete são os sete Sacramentos.

Custodio, etc.

As oito são as oito bemaventuranças.

Custodio, etc.

As nove são os nove templos da Santissima Trindade.

Custodio, etc.
 As dez são os dez mandamentos.
 Custodio, etc.
 As onze são as onze mil virgens.
 Custodio, etc.
 As doze são os doze Apostolos.
 Custodio, amigo meu, dize-me lá as treze.
 Custodio sim, amigo não; as treze eu t'as direi.

Quatro quartos tem a lua,
 Nove raios tem o sol.
 Arrebenta, diabos e diabas!
 Qu'esta alma não é tua.

Esta oração, rezada á meia noite todas as noites, converte um insensato á hora da morte.

3

Eis outra versão portugueza, que foi recollida em Villa Nova de Gaya, pelo sr. João Vieira de Andrade:

— Custodio, amigo!
 — Custodio sim, mas amigo não.
 — Queres-te salvar?
 — Sim, senhor, quero.
 — Diz-me lá o primeiro.
 — E' o padre.
 — Custodio, amigo!
 — Custodio sim, mas amigo não.
 — Queres-te salvar?
 — Sim, senhor, quero.
 — Diz-me lá as duas.
 — As duas são as duas taboas de Moysés.
 — E o primeiro é o padre.
 Etc.
 — Diz-me lá as tres.
 — As tres são os tres prophetas.
 Etc.
 — Diz-me lá as quatro.
 — As quatro são os quatro patriarchas.
 Etc.
 — Diz-me lá as cinco.
 — As cinco são as cinco chagas.
 Etc.

- Diz-me lá as seis.
 — As seis são os seis cirios bentos.
 Etc.
 — Diz-me lá as sete.
 — As sete são os sete salmos (psalmos).
 Etc.
 — Diz-me lá as oito.
 — As oito são os oito corpos santos.
 Etc.
 — Diz-me lá as nove.
 — As nove são os nove coros d'anjos.
 Etc.
 — Diz-me lá as dez.
 — As dez são os dez mandamentos.
 Etc.
 — Diz-me lá as onze.
 — As onze são as onze mil virgens.
 Etc.
 — Diz-me lá as doze.

Doze restes tem o sol
 E doze restes tem a lua.
 Arrebenta para ahí diabo
 Qu'esta alma não é tua.

Quando se diz esta oração arrebenta um diabo no inferno.

4

O sr. A. Thomaz Pires publicou outra versão portugueza no *Archivio per lo studio delle trad. pop.*, t. 1, pp. 100-103, e uma andaluza, *ibid.* pp. 104-106.

Deram ainda versões portuguezas J. Leite de Vasconcellos na *Vanguarda* n.º 68 (22 Agosto 1881), Z. C. Pedroso, *Tradições populares portuguezas*, n.º XI, pp. 12-14.

5

Ha uma versão da Extremadura hispanhola, em fórma de jogo infantil, na *Biblioteca de las tradiciones populares españolas*, t. II, pp. 180-182.

Encontram-se versões italianas no *Archivio per lo studio delle trad. pop.*, t. 1, pp. 98-99 (Abruzzi), pp. 416-423 (Messina).

A seguinte versão allemã acha se num livro que teve pouca circulação.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Eins?

Eins ist Gott allein.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Zwei?

Zwei Tafeln Mosis,
Eins ist Gott allein.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist drei?

Drei Patriarchen
Abraham und Isaac
Und der kleine Jacob
Mit dem ledern Schnappsack,
Wo er Käs und Brod stak
Und ein Pfeifchen Tabak.
Zwei Tafeln Mosis,
Eins ist Gott allein.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Vier?

Vier Evangelisten
Drei Patriarchen
Abraham und Isaac
Und der kleine Jacob,
etc.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Fünf?

Fünf Bücher Mosis,
Vier Evangelisten,
etc.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Sechs?

Sechs Krüge mit rothen Wein
Schenkt der Herr zu Kana ein,
Kan'in Galilæa;
Fünf Bücher Mosis,
Vier Evangelisten,
etc.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Sieben?

Sieben Sacramente,
Sechs Krüge mit rothem Wein,
etc.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Acht?

Acht Chöre der Heiligen,
Sieben Sacramente,
etc.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Neun?

Neun Chöre der Engel.
Acht Chöre der Heiligen,
etc.

Lieber Vater, sage mir:

Was ist Zehn?

Zehn Gebote Gottes,
Neun Chöre der Engel, etc. ¹

Ha duas versões tirolezas em J. v. Zingerle *Sitten, Bräuche und Meinungen des tiroler Volkes*, p. 236.

Num conto grego da collecção de Hahn, *Griechische und Albanesishe Märchen*, II, 210, o heroe tem que adivinhar dez enigmas que lhe ha de propôr um dragão, sob pena de ser devorado por elle. Uma velha sabedora compadece-se do heroe e responde de dentro d'um castello, imitando a voz d'elle. Eis as perguntas enigmaticas e as respostas:

«O que é uma palavra?»

«Deus é um.»

«O que são as duas palavras?»

«Dnas palavras são os justos.»

«O que são as tres palavras?»

«Tres pés tem a tripeça.»

«O que são as quatro palavras?»

«Quatro tetas tem a vacca.»

«O que são as cinco palavras?»

«Cinco dedos tem a mão.»

«O que são as seis palavras?»

«Seis estrellas tem o setestrello.»

«O que são as sete palavras?»

«A dança das sete virgens.»

«O que são as oito palavras?»

«Oito pés tem o polvo.»

«O que são as nove palavras?»

«Nove mezes te trouxe a tua mãe.»

«O que são as dez palavras?»

«Essa é a tua própria palavra e agora rebenta, Drago.»

¹ *Ueber Volks- und Kinderdichtung, etc.* von Dr. Sachse, no *Jahresbericht über die höhere Knaben-Schule Potsdamer-Strasse n.º 3*, etc. Berlin. 1869, pag. 48.

Um episodio semelhante se encontra em contos allemães de collecções que não tenho á mão.

Em Portugal achamos já a formula no seculo xvii, mas a sua introdução é provavelmente muito anterior. Tanto a versão allemã, como as portuguezas e outras mais ou menos semelhantes doutros paizes, tem necessariamente uma fonte commum.

Segundo a *Romania*, 1, 223, na obra rabinica *Sepher Haggadah* encontra-se uma versão da mesma peça que comprehende: 1 Deus, 2 taboas da lei, 3 patriarchas, 4 matriarcas (Sara, Rebeca, Rachel, Lia), 5 livros de Moysés, 6 livros de Michna, 7 dias da semana, 8 dias que precedem a circuncisão, 9 mezes de gravidez, 10 mandamentos de Deus, 11 estrellas de Joseph, 12 tribus de Jacob e 13 tribus de Deus. Mas nenhum dos antigos manuscriptos do *Sepher Haggadah* contém o canto dos numeros: é mister pois considerá-lo como de origem não judaica.

A tradição é, segundo as maiores probabilidades, d'origem persa, como mostram os factos reunidos por R. Köhler em *Zeitschrift der deutschen Morgenl. Gesellschaft*, xxix, 633-36. ¹ O sabio allemão cita: uma versão pehlevi no *Book of Ardá-Viraf*, ed. M. Haug (Bombay und London, 1872); uma kirgisa em W. Radloff, *Die Sprachen der türkischen Stämme Süd-Sibiriens*, 1 Abtheil. III Theil, p. 693 ss. Tradução III Theil, p. 780 ss.; *Literarisches Centralblatt* 1870, n.º 52 (art. de Köhler), Hahn, *Griech. und albanes. Märchen*, II, 210 (vid. supra); Haltrich, *Deutsche Volksmärchen aus den Sachsenlande in Siebenbürgen*, n.º 32; Müllenhoff, *Sagen Märchen und Lieder der Herzogthume Schleswig, Holstein und Lauenberg*, p. 303, n.º cxxv. Nessas collecções de contos de que só tenho á mão a de Hahn, de que fiz o extracto dado acima, a tradição das palavras da verdade anda envolvida num conto.

Resumirei a investigação de Köhler.

Numa narração em pehlevi publicada com traducção por E. W. West na edição do *Book of Ardá-Viraf* de M. Haug diz-se que o feiticeiro Akht, queprehendera destruir a cidade dos adivinhadores d'enigmas e destruir os seus habitantes, mandou a Ghöst-i Fryânó, um piedoso habitante d'essa cidade, a mensagem seguinte: «Vem ter commigo para que eu te diga 33 enigmas, e, se tu não deres resposta alguma ou disseres — Não sei, matar-te-hei immediatamente.» Ghöst-i Fryânó accedeu ao que se exigia e adivinhou todos os enigmas. Então do seu lado disse tres enigmas ao feiticeiro, e, como este não soube responder, destruiu-o empregando uma certa formula sagrada.

A decima terceira das perguntas enigmaticas (ou antes as perguntas enigmaticas 13.^a a 23.^a) consiste no seguinte:

O que é um? e o que é dois? e o que é tres? e o que é quatro?

¹ Vid. ainda R. Köhler in *Orient und Occident*, t. II, 558-559 e F. Liebrecht *Zur Volkskunde*, pp. 164-165.

e o que é cinco? e o que é seis? e o que é sete? e o que é oito? e o que é nove? e o que é dez?

A resposta é:

Um é o bom sol que alumia todo o mundo: e dois são o inspirar e o expirar; e tres são os bons pensamentos e boas palavras e boas acções; e quatro são a agua e a terra e as arvores e os animaes; e cinco são os cinco bons Kaianides (Kai-Kabâd, Kai-Kahûs, Kai-Khûsrôv, Kai-Lôrâsp, Kai-Gushtâsp); e seis são os tempos de Gâhanbâr; e sete são os archanjos; e oito são as oito boas famas; e nove são as nove aberturas do corpo do homem; e dez são os dez dedos da mão do homem.

A materia do conto de Ghôst-i-Fryânô é já mencionada nos textos zend; West pensa que muito tempo antes do periodo sasanico, talvez já no fim do periodo achemenico, existia um livro com os enigmas de Akht o feiticeiro e os do seu adversario, Ghôst-i-Fryânô; e que, seja qual fôr a idade da obra que traduziu, ella é, no principal, certamente baseada sobre fontes antesasanicas.

W. Radloff publicou e traduziu um canto kirgís em que se conta como o propheta Aesrât Ali, que tinha promettido pagar a divida d'um pobre crente e vae procurar dinheiro para isso, é levado por uma calhandra a uma cidade habitada por infieis. Tendo-se dado lá a conhecer como um propheta, vae ser morto se não responder a dez perguntas de Mulla o infiel. Ali responde ás dez perguntas e dirige perguntas e dirige do seu lado tres perguntas a Mulla. Este responde bem a ellas e abraça o Islam e com elle fazem-se crentes todos os habitantes. Ali, rico d'oiro e prata com que elles o presenteam, é trazido pela calhandra e paga a divida do pobre.

As perguntas enigmaticas de Mulla são:

- 1) O que é um e não é dois? Que quero eu dizer?
- 2) O que são só dois e não tres? Que quero eu dizer?
- 3) O que são tres e não quatro? Que quero eu dizer?
- 4) O que são quatro e não cinco? Que quero eu dizer?
- 5) O que são cinco e não seis? Que quero eu dizer?
- 6) O que são seis e não sete? Que quero eu dizer?
- 7) O que são sete e não oito? Que quero eu dizer?
- 8) O que são oito e não nove? Que quero eu dizer?
- 9) O que são nove e não dez? Que quero eu dizer?
- 10) O que são dez e não onze? Que quero eu dizer?

As respostas de Ali, que se acham expressas cada uma em quatro versos são: 1) Deus, 2) Sol e lua, 3) o Oturashyp, 4) os quatro khalifas Omar, Osman, Hasret Ali e Abu Bekr, 5) as orações com as oblações, 6) as seis palavras do iman de Deus, 7) os sete infernos, 8) os oito paraísos, 9) os nove filhos do propheta Ibrahim, 10) os dez mezes da gravidez.

Os kirgises são ha muitos seculos mahometanos; essa versão pôde pois ser entre elles assaz antiga. Köhler, pensa que ella se baseia

sobre uma antiga versão mahometana, derivada da historia de Ghóst-i-Fryânó e o feiticeiro Akht.

E' evidente que as versões europeas também partem d'uma fonte oriental; mas os materiaes á nossa disposição são insufficientes para traçar a historia do canto dos numeros. Na Europa elle não foi provavelmente conhecido antes da idade media. Veiu-nos provavelmente pelos judeus, apesar da supposição que se fez de que só na Europa é que os judeus o conheceram. Tel-o-hiam aproveitado d'uma fonte musulmana, a qual a seu turno derivaria da Persia.

A popularisação da formula não é difficil d'explicar pela facil adaptação d'ella ás ideias christãs e pela sua facillima mnemonisação.

Sobre as nove aberturas do corpo, de que se falla na versão pehlevi, vid. W. L. Holland em *Orient and Occident*, t. 196. A expressão encontra-se entre os indios e iranianos. Um poeta allemão da idade média (Freidank), diz:

Niun venster iesliche hât,
von den lützel reines gât.
diu venster ob und unde
müent mich zaller stunde.

O sr. Stanislaõ Prato tencionava fazer um estudo especial sobre as *Doze palavras retornadas*; ignoro se levou a effeito o projecto. Vid. ainda sobre o canto dos numeros um artigo de G. de Vasconcellos Abreu na *Renascença*, publicada por Joaquim d'Araujo.

III — Cavallinhos fuscõs

Em Coimbra, na minha infancia, ouvi muitas vezes a expressão *ir ver os cavallinhos fuscõs* no sentido de — ir vadiar, ir passear á busca de qualquer espectáculo que se offereça pelas ruas, *flaner*. Ninguém me soube dizer o que eram os taes cavallinhos fuscõs, a que depois encontrei allusões em diferentes auctores.

Na *Feira dos Auxílios* de D. Francisco Manuel de Mello (sec. xvii), ed. de I. Francisco da Silva 2, 2, 1 lê-se: «Está sempre no cavallinho da alegria; mas vigie-se dos *cavallinhos fuscõs*.»

O auctor das *Enfermidades da lingua* (sec. xviii), s. letra C, condemna a expressão *cavallinhos fuscõs*.

Soropita (sec. xvi) falla na sua prosa burlesca e embrulhada, de *cavallinhos fuscõs*, o que parece ser a mesma coisa que *cavallinhos fuscõs*. «E depois se levaram de presente ao sogro do grão Turco, juntamente com umas beringelas e uns *cavallinhos fuscõs*, que lá comem esperregados pelo inverno, que são maravilhosos para dõr de madre; e nós somos tão malhadeiros que os temos aqui todos os annos e nunca sabemos aproveitar d'elles.» *Poesias e prosas meditas*, publ. por C. Castello Branco, p. 38.

No século xviii Antonio Diniz da Cruz allude também aos cavallinhos fuscos:

E por dar mais prazer aos convidados
De *cavallinhos fuscos*, depois d'elle
Na vaga sala, com soberba pompa,
O galante espectáculo prepara.

O Hyssope, canto vi.

D'estas passagens não se conclue ainda o que eram os taes cavallinhos fuscos; sabemos-o, porém, claramente de dous documentos publicados por João Pedro Ribeiro nas *Dissertações chronologicas e criticas*, tomo iv, parte II, pp. 201-207 e 226-230. No segundo d'esses documentos, que é o regimento da festa do Corpo de Deus feito pela camara de Coimbra, em 1517 (segundo Ribeiro), lê se:

«Os cordoeiros, e albardeiros, e odreiros e tintureiros, que todos andam em o officio, são obrigados a darem quatro *cavallinhos fuscos* bem feitos e pintados, e se os eles taes não fizerem a cidade os mande fazer, como lhe parecer que devem de ser, e elles os paguem, e teram huma boa bandeira, e hiram em Priciação.» No outro documento, que é o regimento da mesma festa feito pela camara do Porto, em 1621, estatue-se: «*Item*. Irão os Celleiros, e Cutileiros, Bainheiros, Espadeiros, Caheiros, e Asteireiros, e Correeiros, com sua bandeira e castellos bem ornados de bandeirinhas, boninas, e flores, e sua cera com os cavallinhos, e Anjo armado no meio, etc.»

Vê-se d'essas passagens que os *cavallinhos fuscos* deviam ser umas figuras de cavallo, feitas de madeira ou pasta, semelhantes ás que na minha infancia vi numerosas vezes pelo carnaval, movidas por homens que figuravam ir a cavallo. Esses cavallinhos constituíam uma parte necessaria da procissão do Corpus Christi, como hoje os cavallos de carne e osso, enfeitados e levados pela redea por laçaios, atraz da imagem de S. Jorge, feita de madeira e montada num cavallo escolhido, seguido do pagem que é de carne e osso como os cavallos. Em Lisboa o pagem leva uma armadura de ferro, noutras partes substituída por uma armadura de papelão.

D'onde vem a expressão *cavallinhos fuscos* para designar esse divertimento popular, da qual Soropita nos dá a variante *cavallinhos fustes*? São essas designações igualmente legitimas ou uma é alteração da outra e neste caso qual a mais antiga? Em Ducauge, ed. Henschel s. v. *Cavallettes*, citam-se documentos pelos quaes se vê que *cheval-fust* designava o cavallette da tortura: *cheval-fust* (forma apenas distincta phoneticamente) o moel do qual «utuntur mercatores, ut merces suas venales exponant, ponderent vel metiantur pro vario mercimoniorum genere... Cujus modi instrumentum plurimis artificibus in usu est, quod quatuor velut pedibus sustentur, sic dictum.»

O *cavallinho fuste* era pois a forma primeira, sendo a designação

de Rey... de procissão de Deus no séc. XVI. Também se vê cavallinhos fuscos e que são levados pelo pagem. Vid. Doc. Hist. de Evora, de S. Evora, II, 150.

tirada do facto da figura ser armada sobre um com quatro fustes. *Cavallinho fusco* é uma forma d'etymologia popular:

O cavallinho fusco é evidentemente o mesmo que o *algodon* dos hispanhoes, *caball cotoner* dos catalães, o *godon* dos Orleans, o *cheval-godin* de Namur, o *bidoche* do departamento de l'Orne, o *cheval-mallet* da Loire inferior, o *Hobby-horse* dos inglezes, o *Schimmel*, *Theaterpferd*, *Pferd von Pappé*, *Schlitten-Pferd* dos allemães. É um divertimento de que ha reflexos até na China. Vid. E'delestand du Mèril, *Histoire de la comédie. Période primitive*. Appendix, 1, pp. 421-423; Brand, *Popular antiquities*, t. 1, p. 267-270; 492-493 (ed. George Bell and Sons, 1877). Sobre as relações do cavallinho e do cavallo do sacrificio e o costume na Allemanha, vid. J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, (3.^a ed.), pp. 621-629, A. Kuhn und W. Schwartz. *Norddeutsche Sagen, Märchen und Gebräuche*, pp. 369, 381, 402, 510, K. Simrok. *Deutsche Mythologie* (2.^a ed.), p. 559. ¹

IV — Sete alfaiates para matar uma aranha

Este proverbio que se emprega quando vae muita gente para fazer um acto que não exige nem força, nem valor, nem coragem, é o echo d'uma tradição portugueza, perdida hoje ao que parece na sua integridade, mas que tem parallelos noutros paizes da Europa, parallelos em todos os quaes se trata de ridicularisar a cobardia de um individuo, d'uma classe, dos habitantes d'um logar, d'um povo.

Na Allemanha encontramos o conto dos *Sete suabos* (*Die sieben Schwaben*, n.º 119 da collecção *Kinder- und Hausmärchen*, dos Gebrüd. Grimm). Os sete valentes vão pelo mundo com uma lança, uma unica lança, empunhada por todos elles conjunctamente; depois d'um grande susto causado por o zumbido d'um besouro ou bicho similhante, viram num campo uma lebre que dormia com os olhos abertos e as orelhas erguidas. Os sete depois de se terem animado mutuamente e de terem pensado que está alli o diabo em pessoa, ou sua mãe ou o seu cunhado, avançam; o da frente, ao aproximarem-se do monstro, solta um grito, o animal foge, e os valentes reconhecem que era uma lebre. A redacção dos K. u. H. M. foi feita sobre a versão no *Wendensmuth* de Kirchhof (sec. XVI), d'um *Meistergesang* e d'uma folha volante. W. Grimm indica uma versão antiga ingleza no poema *the hunting of the hase* em Weber, *Metrical Romances*, III, 277-290 e uma hollandeza no livro popular dos *«tres westfälenses faufarvões»*.

Em parte das versões figura como o animal contra o qual se di-

¹ Esta nota sobre os *Cavallinhos fuscos* foi ministrada por mim com pequenas differenças á edição do *Hyssop* de Antonio Diniz da Cruz, dada pelo sr. José Ramos Coelho, Lisboa. Typographia Castro & Irmão, 1879, 8.^o, pp. 441-443. Posteriormente aproveitou-se da nossa explicação de *Cavallinhos fuscos*, escondendo a fonte, um escriptor que frequentes vezes põe a sacco as nossas investigações, como as d'outros, sem aviso. Vid. o jornal *A volta do mundo*, II, 142.

rige o ataque um afamado pela sua cobardia, como a lebre — o caracol.¹

G. Baist e A. Tobler reuniram em *Zeitschrift für romanische Philologie*, II, 303-306 e III, 98-102, numerosas allusões á forma da tradição em que figura o caracol. Num canto allemão narra-se o combate dos alfaiates contra o caracol; este estende os cornos, e os heroes da agulha fogem. Não conhecemos infelizmente esse canto senão pelas indicações dadas pelos dous citados romanistas e R. Köhler, *ob. cit.*, II, 513.

A tradição existiu em Hespanha, como parece indicar uma obra satyrica do seculo xv, *Libro de ceterria de Evangelista* publicado por A. Paz y Melia no mesmo periodico, I, 222 ss. A p. 235 diz-se que os esmerilhões «son grandes caracoleros y andan syempre dos juntos por se ayudar y ponen tanta fuerza y descargan sobre el caracolar dando surtes al cielo y descendiendo a los abismos que como los caracoles tengan los cuernos feroces con el desatyno que trahen se lançan el vno por el vn cuerno y el otro por el otro. Asy acaban los mas y los que quedan no tyenen ley con nadie, y luego se van.»

Charles Nisard (*Histoire de la littérature de colportage*, I, 145-147) extrahé de *Le grand Calendrier et Compost des Bergers* (1633, Lyon, in-4.) um *Débat des gens d'armes et d'une femme contre un lymasson*, dizendo d'essa composição: «Elle est plaisante, encore qu'elle soit, au fond, une énigme pour moi. Elle est précédée de cette planche.» A gravura representa o caracol numa torre no acto de ser accommettido pelos homens d'armas com a mulher atrevida.

LA FEMME A HARDY COURAGE

Vvide ce lieu, très-orde beste,
Qui des vignes les bourgeons mange,
Soit arbre, ou soit buisson,
Tu as mangé jusques aux branches.
De ma quenouille, si tu t'auances,
Je te donrray tel horion,
Qu'on l'entendra d'ici à Nantes.

LES GENS-D'ARMES

Lymasson pour tes grandes cornes,
Le chasteau ne lairrons d'assaillir,
Et si pouuons te ferons fuir
De ce beau lieu où tu reposes;
Onques Lombard ne te mangea,
A telle sauce que nous ferons.

¹ Sobre a lebre (*lepus timidus*) como typo da cobardia, vid. E. Rolland, *Faune populaire de la France*, I, 83 ss.; sobre o caracol fanfarrão, *ibid.*, III, 208.

Nous te mettrons dans un beau plat
 Au poyure et aux oignons :
 Serres tes cornes, nous te prions,
 Et nous laisse entrer dedans.
 Autrement nous t'assandrons
 De nos bastons qui sont tranchans.

LE LYMASSON

Je suis de terrible façon,
 Et si ne suis qu'un lymasson.
 Ma maison porte sur mon dos,
 Et si ne suis de chayr ny d'os.
 J'ay deux cornes dessus ma teste,
 Comm'un boeuf qui est grosse beste;
 De ma maison je suis armé,
 Et de mes cornes embastonné;
 Si ces gens-d'armes là s'approchent,
 Ils en auront sur leurs caboches :
 Mais ie pense en bonne foy
 Qu'ils tremblent de grand'peur de moy.

Na versão hollandeza citada por W. Grimm, os heroes ouviram um besouro que julgaram ser o tambor do inimigo (como na versão *Die Sieben Schwaben*) e deitaram a fugir; o que ia atraz tocou com a ponta da orelha numa vara plantada no caminho e gritou: «Rendo-me»; os que iam adiante ouvindo-o gritaram tambem: «Quartel, quartel!»

Em Portugal conta-se que no tempo dos francezes, em que se usava rabicho de cabello, um valente da Idanha fugira, e como o rabicho lhe batesse nas costas julgou serem os francezes ás voltas com elle e exclamou tambem: «Rendo-me, rendo-me».

A substituição que apresenta o nosso proverbio d'um animal cobarde, como a lebre ou o caracol, por um animal bellicoso, como a aranha, produziu uma alteração consideravel na ideia fundamental do conto.

Na collecção real da Ajuda ha uma salva de prata em que se representa a lucta contra o caracol, de modo que lembra a versão do *Grand Calendrier des Bergers*.

O snr. J. Leite de Vasconcellos colligiu os seguintes versos populares allusivos á tradição:

Setecentos alfaiates
 A matar uma aranha.
 Fortes são os alfaiates
 Que nem isso apanha!

(Vouzella).

700 alfaiates
 E' tudo: farei, farei...
 Para matar uma aranha
 Gritam «àque d'elrei!»

2:500 alfaiates
 Todos postos em campanha,
 Com as tesouras abertas
 Para matar uma aranha.

(Minho).

No Fundão havia um divertimento popular em que uma aranha d'arame era levada num andar, avançando contra ella os 7 alfaiates armados de tesouras. Diziam uns versos que me não foi possível obter.

Diversas quadras popul. alludem á cobardia dos alfaiates; por ex.:

Alfaiates não são homens,
 Nem se lhe podem chamar:
 Em perdendo uma agulha,
 Poem-se logo a chorar.

Semeei no meu quintal
 O brio dos alfaiates;
 Nasceu-me uma parreirinha
 Rodeada de bonifrates.

A'que d'el-rei quem acode
 Ao fogo de Santarem!
 Acudam os alfaiates
 Emquanto os homens não veem!

(Coimbra).

V — Atar as cardas

Esta phrase, como é sabido, significa — morrer.

Segundo o snr. J. Leite de Vasconcellos.¹⁾ na Extremadura andam cardadores de lã de terra em terra, a que dão o nome de *minde-ricos*. Ha tambem cardadores ambulantes noutras provincias; a elles allude a seguinte cantiga popular:

Sou cardador de lã,
 Meu officio é cardar,
 Andar de terra em terra
 — Ha alguma lã p'ra cardar?

Segundo informação de pessoa bastante edosa, costumavam os cardadores quando iam sair d'uma terra gritar para chamar algum freguez moroso: — «Ata as cardas!» Virá d'ahi *atar as cardas* no sentido primeiro de *partir, acabar* e depois no usual de *morrer*?

F. ADOLPHO COELHO.

¹ *Dialectos extremenhos*. 1, p. 34. Porto, 1885, 8.º